

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Waldson Félix Gonçalo

**Da Fábrica ao Jornal:**

A Imprensa Operária e o Movimento Cartista na Revolução Industrial

NATAL/RN

2024

Waldson Félix Gonçalo

**Da Fábrica ao Jornal:**

A Imprensa Operária e o Movimento Cartista na Revolução Industrial

Este artigo apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como parte das exigências para título de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Jucélio Regis da Costa

NATAL/RN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes - CCHLA

Goncalo, Waldson Felix.

Da Fábrica ao Jornal : a imprensa operária e o Movimento Cartista na  
Revolução Industrial / Waldson Felix Goncalo. - Natal, 2024.  
18 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curso de História. Natal, RN,  
2024.

Orientação: Prof. Dr. Jucélio Regis da Costa.

1. Revolução Industrial - Monografia. 2. Imprensa - Monografia. 3.  
Movimento Operário - Monografia. 4. Cartismo - Monografia. I. Costa,  
Jucélio Regis da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:070

## **Da Fábrica ao Jornal: A Imprensa Operária e o Movimento Cartista na Revolução Industrial**

Waldson Félix Gonçalo<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo examina a relação entre propaganda e imprensa operária durante a Revolução Industrial. Exploramos como a propaganda foi utilizada como uma poderosa ferramenta de conscientização e mobilização da classe trabalhadora, abordando métodos como jornais, panfletos e manifestações públicas. Apesar dos desafios enfrentados, como a censura, a imprensa operária desempenhou um papel crucial na disseminação de informações, no fortalecimento das vozes dos trabalhadores e na promoção de debates e solidariedade. Além disso, discutimos o contexto histórico e as condições de trabalho da época, bem como a influência do movimento cartista como uma forma de resistência à imprensa burguesa.

**Palavras-chaves:** Revolução Industrial; Imprensa; Movimento Operário; Cartismo.

### **ABSTRACT**

This article examines the relationship between advertisement and the labor press during the Industrial Revolution. We explore how the advertisement was used as a powerful tool for awareness and mobilization of the working class, using methods such as newspapers, pamphlets, and public demonstrations. Despite the faced challenges, like the censorship, the labor press played a crucial role disseminating information, strengthening the voices of workers, and promoting debates and solidarity. Furthermore, we discuss the historical context and working conditions of the time, as well as the influence of the Chartist movement as a form of resistance to the bourgeois press.

**Keywords:** Industrial Revolution; Press; Labor Movement; Chartism.

---

<sup>1</sup> Licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## **1. INTRODUÇÃO**

A propaganda tem desempenhado um papel crucial ao longo da história, influenciando a disseminação de ideias e a organização de diferentes grupos sociais. No contexto específico da classe trabalhadora, a imprensa operária se destacou como uma ferramenta poderosa para difundir conceitos e princípios que buscavam representar os interesses e necessidades dos trabalhadores. Essa interação entre a propaganda e a imprensa operária, focada na conscientização e mobilização da classe trabalhadora, desempenhou um papel significativo nas lutas pelos direitos e melhorias nas condições de trabalho.

A presente pesquisa tem como objetivo explorar a relação entre a propaganda e a imprensa operária e sua influência na disseminação de ideias e na organização da classe trabalhadora. A fim de compreender como a propaganda tem sido utilizada como uma ferramenta de mobilização e conscientização, além de examinar os efeitos dessa influência na organização e na busca por direitos e justiça social.

Ao longo do artigo, serão investigados os métodos e estratégias de propaganda utilizados pela imprensa operária, como a produção de jornais, panfletos e outros materiais impressos, bem como a utilização de discursos e manifestações públicas. Além disso, será analisado o contexto histórico em que essas iniciativas surgiram, considerando fatores como as condições de trabalho, as desigualdades sociais e as lutas políticas da época.

Para embasar essa análise, serão utilizados diversos estudos e pesquisas acadêmicas que abordam o tema. Com base nessa fundamentação teórica e empírica, espera-se contribuir para um maior entendimento sobre a importância da propaganda e da imprensa operária na organização da classe trabalhadora e na busca por justiça social.

Em suma, este estudo pretende investigar como a propaganda tem sido empregada pela imprensa operária, examinando seus métodos e estratégias, bem como seus impactos na disseminação de ideias e na organização da classe trabalhadora. Ao compreender essa relação complexa e dinâmica, podemos obter insights valiosos para a compreensão das lutas e conquistas dos trabalhadores e refletir sobre o seu potencial futuro na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **2. A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLETERRA**

A Revolução Industrial é um período histórico – compreendido entre o final do século XVIII e início do século XIX significativo para a história da humanidade, que se originou na

Inglaterra a partir da segunda metade do século XVIII caracteriza-se por ser um período marcado por profundas mudanças nos mecanismos de produção, na tecnologia, na economia e na sociedade, sendo um momento de transição entre as formas tradicionais produção artesanal para a produção em larga escala de forma mecanizada.

Na Inglaterra, a Revolução Industrial teve início por devido a combinação de uma série de fatores, os quais tornaram o país um lugar propício ao desenvolvimento industrial. A acumulação de capital proveniente da expansão do comércio e das atividades coloniais proporcionou recursos financeiros os quais foram utilizados para no financiamento da indústria e desenvolvimento de novas tecnologias. Além disso, a Inglaterra possuía uma abundância de recursos naturais, tal como carvão mineral e minério de ferro, que se tornaram essenciais para o desenvolvimento da energia à vapor e da produção em grande escala.

Os avanços tecnológicos, como a invenção da máquina à vapor rotativo por James Watt – que aumentou a produtividade energética no maquinário, segundo Joshua Freeman “Em New Lanark, o maior complexo fabril da Inglaterra, os trabalhadores tiveram de abrir um túnel de cem metros para levar água às rodas do moinho. A energia do vapor proporcionou maior flexibilidade [...]” (FREEMAN, 2019, p. 31) – impulsionaram também a indústria e a manufatura na Inglaterra. A introdução de máquinas têxteis e os progressos na têxtil e metalúrgica também foram fundamentais no que diz respeito ao uso do tear mecânico e da máquina de fiar, permitindo significativo aumento na velocidade e na eficiência da produção têxtil.

Ainda nessa óptica, diversos fatores foram fundamentais para que a Inglaterra fosse o berço dessa nova forma de tratar a produção comercial, entre eles estão: a presença de um sistema financeiro robusto, incluindo bancos e instituições de financiamento, facilitou o acesso a recursos financeiros para o crescimento da indústria; a estabilidade política e social da Inglaterra na época adquiriu um ambiente favorável para o desenvolvimento da indústria, com menos conflitos internos e maior segurança jurídica.

Alguns historiadores de renome dedicaram boa parte dos seus trabalhos e pesquisas para o tema da Revolução Industrial. Autores como Eric Hobsbawm e Edward Thompson trouxeram, em perspectivas diferentes, obviamente, estudos a respeito dessa temática.

Em obras como *A Era das Revoluções* e *A Era do Capital*, Hobsbawm analisou a Revolução Industrial como um evento marcante que impulsionou a mudança da produção

manual para a produção em massa baseada na mecanização e no uso de máquinas, observado no trecho:

Significa que, a certa altura da década de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. (HOBSBAWM, 1962, p. 37).

Ele destacou os efeitos desumanos das condições de trabalho nas fábricas, a exploração do trabalho infantil e as desigualdades sociais criadas pelo sistema capitalista emergente. Hobsbawm enfatizou como a industrialização acelerou o crescimento econômico, levando à urbanização em massa e ao nascimento de uma nova classe trabalhadora industrializada.

Já Thompson explorou a Revolução Industrial em seu livro seminal *A Formação da Classe Operária Inglesa* (THOMPSON, 1987). Ele nega a ideia de que os trabalhadores são apenas vítimas passivas e enfatiza sua agência e resiliência. Thompson estuda as lutas dos trabalhadores por direitos e melhores condições de vida e trabalho e formas de organização como greves, manifestações e sindicatos. Além disso, ele enfatiza a importância da cultura e identidade do trabalhador, analisando as tradições culturais, crenças e práticas que moldam a consciência de classe.<sup>2</sup>

Neste sentido, Eric Hobsbawm, um dos historiadores mais influentes do século XX, desenvolveu o conceito de “tradição revolucionária” em suas obras. Para Hobsbawm, as tradições revolucionárias são práticas, símbolos e rituais que são inventados ou reinterpretados para promover a coesão social e legitimar movimentos revolucionários (HOBSBAWM, 1997).

Ele argumenta que essas tradições não são necessariamente antigas, mas são criadas para parecerem antigas e, assim, fornece uma sensação de continuidade e legitimidade histórica aos movimentos sociais e políticos. Essas tradições ajudam a unir os membros de um movimento, criando uma identidade coletiva e fortalecendo a causa revolucionária (HOBSBAWM, 1997).

---

Abordando de modo direto a temática do presente trabalho, abordaremos os aspectos sociais da sociedade inglesa do período em questão. Deste modo, trataremos de forma mais resumida as formas como que as classes dominantes – burguesia e nobreza – se comportavam neste período, desse modo podemos discutir como essas condutas se refletia no jornal Northern Star (trataremos dele mais na frente).

Max Weber foi um escritor que explorou o comportamento da burguesia durante a Revolução Industrial. Em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber (2013) argumenta que a ética protestante, que enfatiza o trabalho árduo, a disciplina e o acúmulo de riqueza, teve um grande impacto no comportamento dos cidadãos. Ele acreditava que esses valores encorajavam a busca de lucro e o investimento em empresas industriais. Outro autor que aborda esse tema em suas obras é Karl Marx (2013), que discutiu as classes sociais em uma sociedade capitalista em seu livro *O Capital* (2013) Marx descreveu a burguesia como a classe dominante que controla os meios de produção. Ele argumentou que a busca do lucro e a exploração dos trabalhadores eram características centrais do comportamento burguês durante a Revolução Industrial.

No campo do jornalismo burguês, o *The Economist*<sup>3</sup> foi uma das revistas que refletiu os interesses e valores da classe burguesa durante a Revolução Industrial. O jornal defendia os princípios do livre mercado, da livre concorrência e da busca do lucro como motores do desenvolvimento econômico. Essa perspectiva refletia o comportamento empresarial e capitalista da classe burguesa e a visão de progresso econômico e industrial.

A imprensa vinculada a nobreza, por outro lado, teve uma abordagem diferente. Jornais e revistas associados à nobreza frequentemente expressavam uma visão mais conservadora e tradicional. Eles enfatizaram a importância da hierarquia social, status de classe e valores aristocráticos. Essa grande imprensa frequentemente expressava preocupação com a industrialização e a mudança social, vendo-as como uma ameaça aos valores tradicionais.

Durante a Revolução Industrial, na primeira metade do século XIX, a imprensa destinada aos operários desempenhou um papel fundamental na disseminação de informações, na conscientização e na organização da classe trabalhadora. Enfrentando condições precárias de trabalho, longas jornadas, baixos salários e falta de direitos trabalhistas, os trabalhadores

---

<sup>3</sup> A *The Economist* foi fundada pelo empresário e banqueiro britânico James Wilson em 1843, para apoiar a campanha contra as Corn Laws, um sistema de tarifas sobre a importação de cereais.

encontraram na imprensa operária uma ferramenta para expressar suas vozes, compartilhar experiências e mobilizar-se em busca de mudanças sociais.

A imprensa destinada a classe operária também permitia que os trabalhadores compartilhassem suas experiências<sup>4</sup> e expressassem suas opiniões e sentimentos. Os jornais serviam como espaços de debate, nos quais os trabalhadores podiam discutir questões trabalhistas, trocar ideias e promover a solidariedade entre si. Além disso, estes periódicos eram uma plataforma para a publicação de cartas dos leitores, nas quais os trabalhadores podiam relatar suas condições de trabalho, compartilhar histórias de abusos e violações dos direitos trabalhistas.

A propaganda desempenhava um papel central na imprensa operária. Ela visava despertar a consciência de classe nos trabalhadores, incentivando-os a se unirem e lutarem por seus direitos. No entanto, a imprensa voltada a classe operária enfrentou muitos desafios durante a Revolução Industrial. As autoridades governamentais e os empregadores viam-na como uma ameaça ao status quo e à ordem estabelecida.

O impacto da imprensa operária foi significativo. Ela promoveu a conscientização dos trabalhadores sobre seus direitos e condições de trabalho, permitindo-lhes compreender a exploração a que estavam submetidos. Além disso, a imprensa operária facilitou a organização coletiva dos trabalhadores, promovendo a formação de sindicatos, a realização de greves e a busca por melhores condições de vida e trabalho.

### **3. OS CARTISTAS**

Outro movimento de bastante impacto no tocante à escrita dos interesses das classes mais populares e dos operários, é o chamado movimento Cartista, que surgiu como mais uma forma de se contrapor ao que estava sendo escrito e publicado na imprensa burguesa, “movimento político independente dos trabalhadores que unia democracia política com democracia social-econômica.” (BARSOTTI, 2012, p. 15). Friedrich Engels, na obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, faz menção ao cartismo no trecho:

---

<sup>4</sup> *Experiência* é um conceito importante nos estudos abordados pelo autor, que a entende como “resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (Thompson, 1981, p. 15). Ver THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

O cartismo é a forma condensada da oposição à burguesia. Nas associações e nas greves, a oposição mantinha-se insulada, eram operários ou grupos de operários isolados a combater burgueses isolados; nos poucos casos em que a luta se generalizava, na base dessa generalização estava o cartismo – neste, é toda a classe operária que se insurge contra a burguesia e que ataca, em primeiro lugar, seu poder político, a muralha legal com que ela se protege. (ENGELS, 1845, p. 262).

O movimento cartista foi chamado assim devido ao fato de ter sustentação principal a *Carta*, elaborada em 1837-1838, a qual continha as seguintes reivindicações: “Instauração do sufrágio universal; 2. Igualdade dos distritos eleitorais; 3. Supressão do censo exigido dos candidatos ao Parlamento; 4. Eleições anuais; 5. Voto secreto; 6. Indenização aos membros do Parlamento” (BEER, 2006, 452-453).

No entanto, apesar de ser um movimento essencialmente operário, o cartismo não se distinguia notoriamente dos interesses da pequena burguesia mais radical, como defende Engels na obra já citada anteriormente. Em determinado trecho do trabalho, Friedrich Engels cita:

Na época, a pequena burguesia, desiludida com o encaminhamento do Reform Bill e com o mau andamento dos negócios nos anos 1837-1839, apresentava-se belicosa e sanguinária e por isso aceitou de bom grado a violenta agitação dos cartistas [...] (ENGELS, 1845, 263).

Ou seja, mesmo tratando-se de classes com ideais e lutas opostas, na maioria das questões sociais e econômicas, os radicais – tanto operários, como burgueses industriais – de certa forma, uniram-se com ideias próximas em um determinado período. Ainda pode-se trazer o trecho de Engels em que ele escreve

[...] em 14 de fevereiro de 1842, em Manchester, numa reunião de liberais e de cartistas, redigiu-se uma petição que reivindicava ao mesmo tempo a derrogação das leis sobre os cereais e a entrada em vigência dos seis pontos da Carta – no dia seguinte, essa petição foi adotada pelos dois partidos. (ENGELS, 1845, p. 265).

Foi apenas em 1848, com a derrota do proletariado, quando eles apresentaram pela primeira vez um programa independente da burguesia e da pequena burguesia, com seu

renascimento e métodos de luta, marcando o início de um período de contrarrevolução na Europa para o movimento operário., que durou quase uma década, não só na Inglaterra, mas em toda a Europa (PEREIRA; SIQUEIRA, 2014, p. 99).

#### 4. O NORTHERN STAR

Através dos jornais Cartistas, como exemplo o Northern Star e o The English Woman's Journal, os trabalhadores puderam manter-se informados sobre acontecimentos políticos de cada localidade, discutir questões relacionadas com os direitos laborais, como o horário de trabalho e ao sufrágio universal, e participar em conversas sobre assuntos da classe trabalhadora. As publicações para os trabalhadores serviram como meio de oposição e crítica, expondo condições de trabalho desfavoráveis, disparidades e violações dos direitos dos trabalhadores. Portanto, deve-se reconhecer que a imprensa dos trabalhadores desempenhou um importante no florescimento do Cartismo, na disseminação de ideias, na organização dos trabalhadores e na nutrição da consciência coletiva da classe trabalhadora durante a Revolução Industrial.

Os periódicos escritos para leitores operários era a forma principal de propaganda operária. Eles eram publicados regularmente e traziam notícias, artigos, opiniões e relatos de trabalhadores sobre suas condições de trabalho. Esses jornais vendidos nas áreas industriais, permitindo que os trabalhadores tivessem acesso às informações relevantes para sua luta.

Com relação aos jornais destinados a servir de instrumento para dar voz as classes trabalhadoras britânicas no século XIX, o mais importante deles foi o Jornal Northern Star. A primeira edição do *Northern Star* apareceu em 18 de novembro de 1837. Por pelo menos quinze anos depois da primeira publicação, o jornal exerceu função crucial na lógica do Cartismo como um movimento radical de massa e garantiu que seu proprietário, Feargus O'Connor, tornasse um de seus líderes principais fazendo do Cartismo o primeiro movimento nacional especificamente da classe trabalhadora na Grã-Bretanha, e tornando-o um dos membros mais reconhecido (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2024).

Na primeira metade do século XIX tornou-se o jornal mais conhecido, com uma tiragem regular de 80.000 cópias semanais em 1839. O jornal em questão foi produzido por Feargus O'Connor<sup>5</sup> já citado anteriormente, com o auxílio do impressor e editor Josiah Jobson, este

---

<sup>5</sup> Semanário inglês e órgão central dos cartistas, fundado em 1837. Publicou-se até 1852, inicialmente em Leeds e depois, a partir de novembro de 1844, em Londres. O fundador e chefe da redação do jornal foi F. O'Connor. G. Harney foi também membro da redação. Entre 1843 e 1850 publicou artigos de Engels.

último reconhecido por ser veterano da chamada imprensa radical. O Star foi um jornal produzido de forma semanal de folha larga (41 x 59 cm). O valor para comprá-lo era de quatro pences, considerado valor muito alto para os padrões da época (NCSE, 2024).

This mixture of the local and national – a format that the Star shared with most other regional papers – was also prevalent in its advertisements. Until the summer of 1839, the first page and a half of the Star was given over to advertisements. Some of these were for other radical publishers and titles, but many were drawn from local businesses, often located a few doors down from the Northern Star offices on Briggate in Leeds. (NCSE, 2024)

Embora o jornal tivesse um caráter mobilizador da classe trabalhadora, e escrita completamente voltada a dar voz aos operários, ele seguia uma diagramação tradicional, e como na maioria dos jornais da época, a primeira página e meia era destinada a anúncios. Isso significava que o operário ou/e leitor precisaria ter dinheiro suficiente para comprar semanalmente o jornal para acompanhar o semanário de forma habitual. No entanto, como mostrado anteriormente, havia gente suficiente demandando à leitura do jornal, de acordo com aumento da tiragem do semanário em 1839, isso demonstra que embora o preço do jornal fosse relativamente caro para época, a leitura das páginas deveria ser devidamente agradável aos olhos dos seus leitores (NCSE, 2024).

Já em 23 de novembro de 1844, o Northern Star fundado por O'Connor, teve de aumentar o valor semanal do jornal. Em artigo escrito no jornal citado, assinado por seu fundador, tentando justificar o aumento do valor, e, sobretudo, da mudança que tinha tido da sede do jornal de Leeds, cidade mais ao norte, para Londres, local de residência do proprietário do Jornal. O semanário, entretanto, afasta-se dos distritos industriais do Norte, onde estaria os grupos mais radicais, então seu principal público leitor, em compensação, apostaria em noticiar os acontecimentos em Londres, capital da Inglaterra, na tentativa de deixar de ser um jornal regional, e focar nas notícias nacionais (ver anexos). (NCSE, 2024).

[...] The price of the Star on Saturday next, the thirty the instant, will be fivepence. And if I am asked the reason, my answer is, because less will not pay. Increased rent, increased salaries, and other improvements alone would justify the rise; while I do not think that one reader of the Northern Star will object to bear his fair proportion of the burden of supporting his own cause. If this was not necessary to secure me against ruin, the Star against failure, and

because from the consequences of two such calamities, I should not have proposed it : and the only apology that the reader will require is , that it is indispensable . The price of the Dispatch and of the Weekly Chronicle is six pence. The Northern Star shall be a better paper than either. And you have the reliance upon me, that should the rise be profitable, every farthing of it shall be expended in the advancement of your principles. (NORTHERN STAR, 1844)

É especificamente neste trecho que Feargus tenta justificar o aumento do valor pago pelos leitores, de 4 para 5 pences, argumentando que alguns preços como aluguel, salários e outras despesas valeria o aumento, e era justificado pela causa que o jornal eventualmente traria para seus leitores.

O Northern Star, um jornal regional, começou com uma mistura de anúncios locais e notícias nacionais. À medida que sua circulação aumentou em 1839, ele passou a priorizar notícias na primeira página. Em 1840, O'Connor, um dos líderes do jornal, foi preso por difamação (NCSE, 2024).

Em 1852, Harney<sup>6</sup> comprou o Star e fez alterações significativas, incluindo mudar o nome para Star of Freedom e reduzir o preço. Apesar dessas mudanças, o jornal não teve sucesso e foi relançado como um semanário menor em agosto de 1852. Nesse sentido, o jornal continuou até novembro de 1852, quando Harney seguiu para um novo projeto. No mesmo ano, O'Connor foi internado em um asilo, onde faleceu em 1855.

Enfim, já no seu último ano de edição, em 1852, o Northern Star tentou, de acordo com seus editores, explicar o motivo pelo qual estava mudando de nome para Star of Freedom, e direcionou um artigo aos “REFORMADORES DEMOCRÁTICOS E SOCIAIS DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA.”. Nesse aspecto, o autor deste artigo enfatiza as retaliações que estavam sendo imputadas ao jornal por fazer tanto estardalhaço, bem como as calúnias que teriam eventualmente sido tramadas contra ele. Dava para perceber que havia uma certa ojeriza ao Star, é o que se pode inferir do artigo, bem como muito inimigos foram criados ao longo dos anos.

[...] Nearly two years have passed since circumstances compelled me to step down from the Editorship of this journal. It is unnecessary to detail those circumstances, except to remind you that, due to my differing views on certain policy questions—not principles—from those of the then Proprietor, I felt it

---

<sup>6</sup> [1817-1897]: figura de destaque do movimento operário inglês no século XIX, um dos líderes da ala esquerda dos cartistas; chefe de redação de vários jornais cartistas; tinha estreita relação com Marx e Engels.

was my duty to resign from the position, despite its lucrative and influential nature. It was with deep regret that I parted ways with readers and friends whose confidence I had enjoyed for over seven years. However, the call of duty demanded the sacrifice, and I obeyed. Enough about the past. Let me speak of the present and future. This week, the 'Star' is passing out of the hands of the Proprietors who succeeded Mr. O'Connor. This change allows me to announce that next week, I will have the pleasure of resuming my post as Chief Editor of this journal, under new arrangements that will allow me to fully express my views as the leader of the organ of Chartism and Ultra-Democracy. Many readers of The Star are aware that, for some time now, I have been publishing an unstamped periodical titled The Friend of the People. To dedicate my entire time, attention, and energy to my new duties, I will merge The Friend of the People into the Star. The title of the latter will be extended and improved.<sup>7</sup> (NORTHERN STAR, 1852)

Na edição de 17 de abril de 1852, Harney anuncia que na semana seguinte o STAR seria conhecida como a *STAR OF THE FREEDOM* e fundiu-o com seu THE FRIEND OF THE PEOPLE. Harney também reduziu o preço para 4,5 pence por semana, mas havia alegado que novas reduções de preços eram impossíveis. Um jornal Cartista, ele argumenta, limitado à sua própria classe para o seu público leitor, teria de ser metade do tamanho para sobreviver aos 3,0 pence. Se o Northern Star “permanecesse no seu tamanho atual, mas ser reduzido a três pence, ele precisaria conter mais notícias da polícia e obter uma circulação de 30.000” (NORTHERN STAR, 1852, tradução nossa). Embora houvesse a nomeação das seguintes pessoas: *Gerald Massay* como editor literário, *Linton*, *Samuel M. Kydd* e *Alexander Bell* como colaboradores, o STAR não foi um sucesso. No dia 14 de agosto, a *STAR OF THE FREEDOM* foi relançada, em novo tipo, como uma três coluna, 16 páginas semanais com um tamanho de página menor de em torno de 29 x 41cm. Uma vantagem para este novo formato era que cada departamento poderia ser atribuído a uma página separada. (NCSE, 2024)

## 5. CONCLUSÃO

Em conclusão, a trajetória do Northern Star exemplifica os desafios e transformações enfrentados pela imprensa radical do século XIX na Grã-Bretanha. Fundado com o intuito de promover os princípios da Carta do Povo, o Star evoluiu de um jornal regional com uma mistura de anúncios locais e notícias nacionais para um influente veículo de comunicação dedicado à causa Cartista. A prisão de O'Connor em 1840 e a subsequente dedicação ao esquema de terras

---

<sup>7</sup> Ver original em anexos

em 1843 evidenciam a interseção entre ativismo político e jornalismo, destacando a importância do jornal como um agente de coesão entre os seus leitores.

As mudanças de liderança e formato, particularmente a compra do jornal por Harney em 1852, refletiram tanto a resiliência quanto a fragilidade da imprensa radical. As tentativas de modernização para o STAR OF THE FREEDOM, embora fossem inovadoras, não conseguiram assegurar a viabilidade financeira do jornal, culminando no seu encerramento em novembro de 1852. A história do Northern Star, portanto, oferece uma rica perspectiva sobre os esforços para sustentar um veículo de imprensa comprometido com princípios democráticos e sociais, enfrentando constantes desafios econômicos e políticos.

É neste sentido que a decisão de aumentar o preço em 1844 para garantir a sobrevivência do jornal ilustra a complexa relação entre os custos operacionais da imprensa e o apoio dos leitores. Este episódio sublinha a necessidade de um equilíbrio delicado entre manter a acessibilidade e a qualidade do conteúdo, enquanto se sustenta financeiramente. Em última análise, o legado do Northern Star reside na sua contribuição para o movimento Cartista e na demonstração de como a imprensa pode servir como um pilar fundamental para movimentos sociais e políticos, mesmo em face de adversidades significativas.

## 6. ANEXOS

### THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

The principles of the *Star* will be—the Six Points of the People's Charter, name and all: the only difference will be the substitution of entirely new type, and no change of conductors. The price of the *Star* on Saturday next, the 30th instant, will be fivepence. And if I am asked the reason why, my answer is, because less will not pay. Increased rent, increased salaries, and other improvements alone would justify the rise; while I do not think that one reader of the *Northern Star* will object to bear his fair proportion of the burden of supporting his own cause. If this was not necessary to secure me against ruin, the *Star* against failure, and the cause from the consequences of two such calamities, I should not have proposed it: and the only apology that the reader will require is, that it is indispensable. The price of the *Dispatch* and of the *Weekly Chronicle* is six pence. The *Northern Star* shall be a better paper than either. And you have the reliance upon me, that should the rise be profitable, every farthing of it shall be expended in the advancement of your principles.

## "THE STAR OF FREEDOM."

TO THE READERS OF THE 'STAR,'  
AND THE DEMOCRATS OF GREAT  
BRITAIN AND IRELAND.

MR FRIENDS,—Nearly two years have passed since circumstances induced my secession from the Editorship of this journal. It is not necessary to particularise those circumstances, excepting to remind you that holding convictions on certain questions—not of principle, but of policy—at variance with those of the then Proprietor, I felt it to be my duty, although at the cost of a lucrative and influential position, to resign the Editorship of the ('Northern') 'Star.' It was to me a matter of deep regret to separate myself from readers and friends, whose confidence I had enjoyed during a term of more than seven years. But the voice of DUTY commanded the sacrifice, and I obeyed.

Enough of the past. Let me speak of the present, or, rather of the future.

This week the 'Star' passes out of the hands of the Proprietors who succeeded Mr. O'CONNOR. This change enables me to announce that, *next week I shall have the pleasure of resuming my post as Chief Editor of this journal*, under arrangements that will enable me to give the fullest expression to my sentiments as the conductor of the organ of Chartism and Ultra-Democracy.

Most of the readers of the 'Star' are aware that, for some time past, I have been publishing an unstamped periodical, entitled 'The Friend of the People.' That my entire time, attention, and energies may be devoted to my new duties, I shall merge 'The Friend of the People' into the 'Star.' But the title of the latter will be extended and improved. Henceforth this journal will appear under the following designation :—

TO AGENTS. All Agents of the "NORTHERN STAR" will please to address their orders for next week's paper, and afterwards, to F. O'Connell, Esq., NORTHERN STAR Office, 59, Strand, London, W. and as there are always difficulties in the way of getting out the first number of a paper, even in London, we have to request that the Orders may be forwarded in good time.

TO CORRESPONDENTS AND CONTRIBUTORS. The Correspondents and Contributors to the Northern Star are requested to send their communications, addressed "Mr. John Brown, Editor, Northern Star Office, 59, Strand, London, W." and as there are always difficulties in the way of getting out the first number of a paper, even in London, we have to request that the Orders may be forwarded in good time.

TO AGENTS. All Agents of the "NORTHERN STAR" will please to address their orders for next week's paper, and afterwards, to F. O'Connell, Esq., NORTHERN STAR Office, 59, Strand, London, W. and as there are always difficulties in the way of getting out the first number of a paper, even in London, we have to request that the Orders may be forwarded in good time.

THE NORTHERN STAR, AND LEEDS GENERAL ADVERTISER. VOL. VIII. NO. 367. SATURDAY, NOVEMBER 23, 1844.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

WELCOME TO THE METROPOLIS.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

To J. H. Stobson, Printer, & Publisher, Market Street, Leeds, Wm. Bell.

of a general election, of which we are not sure that the public would be much interested. We have, however, to state that the result of the election was such as to give a majority to the Whigs, and that the Government will be formed by Mr. Russell's Administration.

CAUTION. Beware of the cheap and inferior copies of the Northern Star, which are being sold in various parts of the country. The only genuine copy is that published by the Northern Star Office, 59, Strand, London, W.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL. THE NORTHERN STAR, AND NATIONAL TRADES JOURNAL.

## REFERÊNCIAS

BARSOTTI, Paulo. **Apresentação: sobre Marx, Engels e o cartismo.** Revista Novos Rumos, v. 49, n. 2.

BEER, Max. Primeiro Movimento Revolucionário Operário na Inglaterra (1825-1855). In: BEER, Max. **História do Socialismo e das Lutas Sociais: As Lutas Sociais nos Tempos Modernos.** Editora Calvino: Rio de Janeiro, 1944.

THE EDITORS OF ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Feargus Edward O'Connor**, 29 mar. 2024. (Nota técnica).

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Editora Boitempo: São Paulo, 2008.

FREEMAN, Joshua B. Como Minerva do cérebro de Júpiter: a invenção da fábrica. In: FREEMAN, Joshua B. **Mastodontes: A história da fábrica e a construção do mundo moderno.** Editora, Todavia: São Paulo, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875.** Editora paz e Terra: São Paulo, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios.** In: HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914.** Editora Paz e Terra: São Paulo, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **A Invenção das Tradições.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOBBSAWM, Eric. Qual é o país dos trabalhadores? In: HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária.** Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2000.

HOBBSAWM, Eric. A Revolução Industrial. In: HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções: 1789-1848.** Editora Paz e Terra: São Paulo, 2015.

MARX, Karl. **O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital.** Editora Boitempo: São Paulo, 2013.

NCSE: **Northern Star (1837-1852)**. Disponível em: <<https://ncse.ac.uk/headnotes/nss.html>>. Acesso em: 23 Jul. 2024.

NORTHERN STAR (1837-1852), 23rd November 1844, Edition 1 of 1, Page unpag. Disponível em: <<https://ncse.ac.uk/periodicals/ns/issues/vm2-ncseproduct1290/page/1/>>. Acesso em: 23 jul. 2024.

SIQUEIRA, Sandra MM; PEREIRA, Francisco. **Marx e Engels: luta de classes, socialismo científico e organização política**. Lemarx: Salvador, 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Editora Paz e terra: Rio de Janeiro, 1987.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Companhia das Letras: São Paulo, 2013.